

**ENTRE O LÉXICO E A TAXONOMIA POPULAR: UM ESTUDO
ETNOBIOLINGUÍSTICO SOBRE A FAUNA NO NORTE DE PERNAMBUCO
E DO MATO GROSSO**

**BETWEEN LEXICON AND POPULAR TAXONOMY: AN
ETHNOBIOLINGUISTIC STUDY ON THE FAUNA IN THE NORTH OF
PERNAMBUCO AND MATO GROSSO**

Edmilson José de Sá¹

RESUMO

Este estudo etnobiolinguístico tem como objetivo investigar a relação entre o léxico e a taxonomia popular sobre a fauna brasileira, com foco nas denominações para gambá e joão-de-barro. A etnobiolinguística, campo interdisciplinar que se debruça sobre a interface entre linguagem, cultura e natureza, oferece um arcabouço teórico fundamental para este estudo. Ao analisar as denominações populares para a fauna, busca-se compreender como as diferentes comunidades constroem seus próprios sistemas de classificação, revelando, assim, as particularidades de suas cosmovisões e práticas culturais. A perspectiva etnobiolinguística permite, então, ultrapassar a mera descrição lexical, aprofundando a análise das relações semânticas e cognitivas subjacentes à denominação dos animais. Logo, será possível, ainda que aproximativamente, entender a motivação para denominações como pica-pau, pardal e rouxinol se referirem ao joão-de-barro, e ticaca e raposa para denominar o gambá. Para esse fim, a análise usará os dados selecionados de dois *corpora*, sendo um extraído de oito pontos de inquérito do Atlas Linguístico de Pernambuco (Sá, 2013), localizados na parte norte do estado e o outro coletado de cinco pontos do Atlas Linguístico do Norte do Mato Grosso (Azevedo, 2015). A análise comparativa das denominações coletadas nesses dois estados brasileiros visa identificar as variantes lexicais, as semelhanças e as diferenças na construção dos sistemas de classificação popular da fauna, considerando fatores culturais e de âmbito zoológico.

Palavras-chave: etnobiolinguística, léxico, fauna, Mato Grosso, Pernambuco.

ABSTRACT

This ethnobiolinguistic study aims to investigate the relationship between lexicon and popular taxonomy regarding the Brazilian fauna, focusing on the denominations for the opossum and ovenbird. Ethnobiolinguistics, an interdisciplinary field that focuses on the interface between language, culture, and nature, offers a fundamental theoretical framework for this study. By analyzing the popular denominations for fauna, we seek to understand how different communities construct their own

¹ Doutor em m Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2013), Professor titular - Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde. E-mail: edjm70@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910847800023697>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1615-881X>

classification systems, thus revealing the particularities of their worldviews and cultural practices. The ethnobiolinguistic perspective allows us to go beyond mere lexical description, deepening the analysis of the semantic and cognitive relations underlying the naming of animals. Thus, it will be possible, albeit approximately, to understand the motivation for denominations such as "pica-pau", "pardal", and "rouxinol" to refer to the hummingbird, and "ticaca" and "raposa" to denote the ovenbird. To this end, the analysis will use data selected from two *corpora*, one extracted from eight inquiry points of the Atlas Linguístico de Pernambuco (Sá, 2013), located in the northern part of the state, and the other collected from five points of the Atlas Linguístico do Norte do Mato Grosso (Azevedo, 2015). The comparative analysis of the denominations collected in these two Brazilian states aims to identify lexical variants, similarities, and differences in the construction of popular classification systems for fauna, considering cultural and zoological factors.

Keywords: ethnobiolinguistics, lexicon, fauna, Mato Grosso, Pernambuco.

Introdução

A relação intrínseca entre linguagem, cultura e natureza tem sido objeto de estudo de diversas disciplinas ao longo dos anos. Nesse contexto, a etnobiolinguística emerge como um campo interdisciplinar que busca compreender como as comunidades humanas percebem, classificam e nomeiam os elementos do mundo natural que as cercam. O presente estudo se insere nessa perspectiva, focalizando especificamente as denominações populares da fauna brasileira, com ênfase em dois animais emblemáticos: o gambá e o João-de-Barro.

A riqueza da biodiversidade brasileira se reflete não apenas na variedade de espécies, mas também na diversidade linguística e cultural do país. Cada região, com suas particularidades históricas, geográficas e sociais, desenvolve formas únicas de interagir com o ambiente natural, o que se manifesta de maneira eloquente no léxico utilizado para denominar a fauna local. Esse fenômeno não apenas revela a criatividade linguística das comunidades, mas também oferece constatações sobre suas cosmovisões e práticas culturais.

O objetivo central deste estudo é investigar a relação entre o léxico e a taxonomia popular sobre a fauna brasileira, focalizando as denominações atribuídas ao gambá e ao João-de-Barro em dois estados – Pernambuco e Mato Grosso –, priorizando os municípios localizados na região norte de cada um desses estados.

A escolha desses estados não é arbitrária; ela visa proporcionar uma análise comparativa que possa revelar tanto convergências quanto divergências nas formas de categorização e nomeação da fauna em contextos geográficos e culturais diversos.

A relevância desta pesquisa se sustenta em múltiplos pilares. Primeiramente, contribui para o enriquecimento do campo da etnobiolinguística, oferecendo dados empíricos sobre as práticas de nomeação da fauna em contextos específicos do Brasil. Além disso, ao explorar as variantes lexicais e os sistemas de classificação popular, o estudo lança luz sobre os processos cognitivos e culturais subjacentes à formação do léxico relacionado à fauna.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho se apoia em dois *corpora* distintos: um extraído de oito pontos de inquérito do Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) (Sá, 2013), focalizando a parte norte do estado, e outro coletado de cinco pontos do Atlas Linguístico do Norte do Mato Grosso (ALiMAT) (Azevedo, 2015). A utilização desses atlas linguísticos como fonte de dados não apenas garante a representatividade geográfica da amostra, mas também permite uma análise diacrônica das variações lexicais, considerando que os atlas refletem o uso linguístico em momentos específicos do tempo.

A análise proposta neste estudo transcende a mera descrição lexical. Ao adotar uma perspectiva etnobiolinguística, busca-se compreender as relações semânticas e cognitivas subjacentes à denominação dos animais. Esse *approach* permite, por exemplo, explorar as motivações por trás de denominações aparentemente incongruentes, como o uso de "pica-pau", "pardal" e "rouxinol" para se referir ao *beija-flor*, ou "ticaca" e "raposa" para denominar o *gambá*.

A estrutura deste artigo reflete a complexidade e a multidimensionalidade do tema abordado. Após esta introdução, apresenta-se uma fundamentação teórica, que não apenas situa o estudo no campo da etnobiolinguística, mas também estabelece conexões com áreas afins como a etnotaxonomia e a linguística cognitiva. A seção de metodologia detalha os procedimentos de coleta e análise de dados, garantindo a replicabilidade do estudo.

Na seção de análise de dados, são apresentados os resultados da investigação, incluindo as variantes lexicais identificadas, padrões de distribuição geográfica e possíveis motivações semânticas e culturais para as denominações observadas.

Gráficos, tabelas e quadros são utilizados para sintetizar e visualizar os dados de forma clara e acessível.

Por fim, a conclusão não apenas sintetiza os principais achados do estudo, mas também discute suas implicações para a compreensão das relações entre língua, cultura e biodiversidade no contexto brasileiro. Além disso, são apontadas direções para pesquisas futuras, reconhecendo que o campo da etnobiolinguística no Brasil ainda oferece um vasto território a ser explorado.

Este estudo, portanto, se propõe a ser uma contribuição significativa não apenas para o campo da linguística, mas para uma compreensão mais ampla e integrada das relações entre as comunidades humanas e o ambiente natural no Brasil. Ao iluminar as formas como diferentes grupos nomeiam e categorizam a fauna local, espera-se fomentar reflexões sobre a importância da diversidade linguística e cultural na construção e preservação do conhecimento sobre a biodiversidade brasileira.

1 Etnobiolinguística: a tríade que fundamenta a pesquisa

A fundamentação teórica deste estudo se alicerça primordialmente no campo da etnobiolinguística, uma disciplina que emerge da intersecção entre a etnobiologia e a linguística. Essa abordagem interdisciplinar oferece um prisma único para a compreensão das complexas relações entre língua, cultura e natureza, fornecendo as ferramentas conceituais necessárias para uma análise profunda das denominações populares da fauna brasileira.

A etnobiolinguística, como campo de estudo, tem suas raízes na antropologia linguística e na etnociência, desenvolvendo-se como uma disciplina autônoma nas últimas décadas do século XX. Seu foco principal reside na investigação de como diferentes culturas categorizam e lexicalizam o mundo natural, com particular atenção às taxonomias populares e aos sistemas de nomenclatura utilizados por comunidades tradicionais e grupos étnicos diversos.

Um dos pilares teóricos fundamentais para este estudo é o trabalho seminal de Berlin (1992), que estabeleceu os princípios básicos da etnotaxonomia. Berlin argumenta que, apesar da diversidade cultural, existem padrões universais na forma como as sociedades humanas categorizam o mundo natural. Tais padrões se manifestam em estruturas hierárquicas de classificação que, embora possam variar em

detalhes, compartilham características comuns em diferentes culturas. Assim, para o autor:

Grupos de plantas e animais apresentam-se ao observador humano como uma série de descontinuidades cuja estrutura e conteúdo são vistos por todos os seres humanos de formas essencialmente semelhantes, dados perceptuais que são em grande parte imunes aos determinantes culturais variáveis encontrados em outras áreas da experiência humana² Berlin, op. cit., p. 8) (tradução do autor).

Complementando esta perspectiva, os trabalhos de Ellen (2006) sobre etnobiologia cognitiva proporcionam uma compreensão mais aprofundada sobre os processos mentais subjacentes à categorização e nomeação de elementos naturais. A autora argumenta que as categorias etnobiológicas não são meras reflexões passivas do mundo natural, mas construções ativas que refletem tanto as propriedades objetivas dos organismos quanto as necessidades culturais e ecológicas das comunidades. Nesse sentido, a capacidade de reconhecer algo como um ser vivo (animado) ou um objeto inanimado (não vivo) não é apenas resultado de pensar sobre várias características e classificá-las, ou seja:

"Animidade" ou "animalidade" não é simplesmente um produto final da classificação baseado em múltiplas discriminações cognitivas, mas se relaciona a uma capacidade fundamental do cérebro de distinguir uma forma orgânica que registra um tipo particular de saliência que corresponde a características filogenéticas objetivas³. (Ellen, 2006, p. 9) (tradução do autor).

No contexto brasileiro, os estudos etnobiolinguísticos têm ganhado crescente relevância, com pesquisadores como Posey (1986) e Ribeiro (1986) desenvolvendo trabalhos pioneiros sobre as taxonomias indígenas e suas implicações para a compreensão da biodiversidade amazônica. Esses estudos não apenas documentaram sistemas de conhecimento tradicional, mas também destacaram a importância da diversidade linguística na preservação do conhecimento ecológico.

A interface entre linguística cognitiva e etnobiologia, explorada por autores como Hunn (1982) e Atran (1990), fornece um arcabouço teórico crucial para este

² Groups of plants and animals present themselves to the human observer as a series of discontinuities whose structure and content are seen by all human beings in essentially the same ways, perceptual givens that are largely immune from the variable cultural determinants found in other areas of human experience.

³ 'Animacy' or 'animality' is not simply an end-product of classification based on multiple cognitive discriminations but relates to a fundamental ability of the brain to distinguish an organic form that registers a particular kind of saliency which matches objective phylogenetic features.

estudo. Esta abordagem enfatiza o papel das metáforas e metonímias na construção de categorias etnobiológicas, permitindo uma análise mais profunda das motivações semânticas por trás das denominações populares da fauna.

Um aspecto particularmente relevante para este estudo é o conceito de "domínios cognitivos" proposto por Langacker (1987). Este conceito sugere que o léxico relacionado à fauna não existe isoladamente, mas está integrado a redes semânticas mais amplas que refletem as experiências e o conhecimento cultural de uma comunidade. Assim, as denominações populares dos animais podem ser entendidas como pontos de acesso a sistemas de conhecimento mais abrangentes.

A teoria dos protótipos, desenvolvida por Rosch (1978) e aplicada à etnobiologia por Hunn (1982), oferece uma perspectiva valiosa para a compreensão das variações nas denominações populares. Esta teoria sugere que as categorias etnobiológicas são organizadas em torno de exemplares prototípicos, com membros periféricos que podem ser categorizados de formas diferentes em distintas comunidades.

No que tange especificamente ao estudo das denominações da fauna brasileira, os trabalhos de Couto (2007) sobre ecolinguística e de Isquerdo (2001) sobre o léxico regional brasileiro fornecem importantes subsídios teóricos e metodológicos. Os pesquisadores destacam a importância de considerar fatores ecológicos, históricos e socioculturais na análise das variações lexicais relacionadas à fauna.

A perspectiva da linguística variacionista, conforme desenvolvida por Labov (1972) e aplicada aos estudos dialetológicos no Brasil por autores como Cardoso (2010), também informa a abordagem metodológica deste estudo. Assim, é possível desenvolver uma análise sistemática do léxico observado nos atlas linguísticos utilizados como fonte de dados.

Um aspecto crucial da fundamentação teórica deste estudo é a compreensão da etnobiolinguística como uma disciplina que não apenas descreve, mas também interpreta as relações entre língua, cultura e natureza. Neste sentido, os trabalhos de Maffi (2001) sobre diversidade biocultural oferecem um quadro conceitual relevante, destacando as interconexões entre diversidade linguística, cultural e biológica.

Enquanto a interdependência da linguagem, cultura e ambiente é um tema dominante, um tema complementar que emerge é a independência dos sistemas bioculturais em relação uns aos outros.⁴ (Maffin, op. cit., p. 2) (tradução do autor)

A abordagem etnobiolinguística adotada neste estudo reconhece que as denominações populares da fauna não são meras etiquetas arbitrárias, mas refletem sistemas complexos de conhecimento e percepção do mundo natural. Assim, a análise das variantes lexicais para animais como o *gambá* e o *joão-de-barro* vai além da mera catalogação, buscando compreender as motivações culturais, ecológicas e cognitivas subjacentes a essas denominações.

2 Aspectos metodológicos

A metodologia adotada neste estudo etnobiolinguístico foi delineada com o objetivo de proporcionar uma investigação sistemática e abrangente das denominações populares para *gambá* e *joão-de-barro* em duas regiões distintas do Brasil: o norte de Pernambuco e o norte do Mato Grosso. O desenho metodológico seguiu os princípios da pesquisa qualitativa e quantitativa, combinando análise lexical, semântica e etnográfica, em consonância com as abordagens preconizadas por Posey (1986) e Berlin (1992) no campo da etnobiologia linguística.

A coleta de dados baseou-se em dois *corpora* principais: o Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) (Sá, 2013) e o Atlas Linguístico do Norte do Mato Grosso (ALiMAT) (Azevedo, 2015). Do ALiPE, foram selecionados oito pontos de inquérito localizados na parte norte do estado, enquanto do ALiMAT, foram extraídos dados de cinco pontos de inquérito. A seleção desses pontos visou abranger uma diversidade de contextos socioculturais e ecológicos, permitindo uma análise comparativa robusta.

O processo de extração de dados dos atlas seguiu um protocolo rigoroso, adaptado das diretrizes metodológicas propostas por Cardoso (2010) para estudos dialetológicos. Foram identificadas e catalogadas todas as ocorrências de denominações para *gambá* e *joão-de-barro*, juntamente com informações contextuais

⁴ Whilst the interdependence of language, culture, and the environment is a dominant theme, a complementary theme which emerges is the independence of biocultural systems with respect to one another.

relevantes, como características dos informantes (idade, gênero, nível de escolaridade) e breves descrições etnográficas associadas a cada denominação.

Para a organização e análise inicial dos dados, foi desenvolvida uma matriz taxonômica inspirada no modelo de Berlin (1992), adaptada para incluir categorias específicas relevantes para este estudo. Essa matriz permitiu a classificação das denominações em diferentes níveis hierárquicos, facilitando a identificação de padrões de categorização e nomenclatura. O quadro 1 apresenta um exemplo da estrutura desta matriz taxonômica.

Tabela 1: Exemplo de matriz taxonômica para análise de denominações

Nível Hierárquico	Categoria	Exemplos de Denominações
Reino	Animal	-
Classe	Mamífero / Ave	-
Ordem	Marsupial / Passeriforme	-
Família	Didelphidae / Furnariidae	-
Gênero	Didelphis / Furnarius	-
Espécie	Gambá / João-de-barro	Variantes lexicais específicas
Variedade	Subtipos específicos	Denominações baseadas em características particulares

Fonte: Berlin (1992)

A análise quantitativa dos dados envolveu o cálculo de frequências e distribuições das variantes lexicais, utilizando o software SPSS (2023) para processamento estatístico. Foram realizados testes de qui-quadrado para avaliar a significância das diferenças nas distribuições lexicais entre as duas regiões estudadas, considerando um nível de significância de $p < 0,05$.

Para a análise qualitativa, adotou-se uma abordagem inspirada na teoria fundamentada (*grounded theory*) de Glaser e Strauss (1967), permitindo que categorias analíticas emergissem dos próprios dados. Este processo envolveu a codificação temática das narrativas e comentários associados às denominações, buscando identificar padrões culturais, crenças e práticas que pudessem explicar as escolhas lexicais.

Para aprofundar a compreensão das motivações semânticas e cognitivas subjacentes às denominações, foi aplicada a técnica de análise componencial, conforme proposta por Conklin (1962) e adaptada para estudos etnobiológicos por Ellen (2006). Esta técnica permitiu decompor as denominações em seus componentes semânticos, revelando os traços distintivos que motivam as escolhas lexicais em cada região.

Por fim, para garantir a validade e confiabilidade dos resultados, foi realizada uma triangulação metodológica, confrontando os dados lexicais extraídos dos atlas com informações etnográficas complementares obtidas de estudos antropológicos e ecológicos realizados nas regiões em questão. Este processo de triangulação seguiu as diretrizes propostas por Denzin (1970) para pesquisas qualitativas em ciências sociais.

3 Análise de dados

A análise dos dados coletados revelou um rico panorama de variantes lexicais nas denominações populares para *gambá* e *joão-de-barro* nas regiões estudadas. Inicialmente, foram identificadas 12 variantes lexicais para o primeiro referente e 8 para o segundo, distribuídas de forma heterogênea entre os pontos de inquérito em Pernambuco e Mato Grosso. A tabela 1 apresenta as principais variantes encontradas e suas frequências relativas em cada região.

Tabela 1: Principais Variantes Lexicais e suas Frequências Relativas

Animal	Variante	Frequência PE (%)	Frequência MT (%)
Gambá	Gambá	45	30
	Timbu	30	5
	Saruê	15	40
	Cassaco	10	0
	Mucura	0	25
João-de-barro	João-de-barro	60	55
	Forneiro	20	15
	Maria-de-barro	15	20
	Pedreiro	5	10

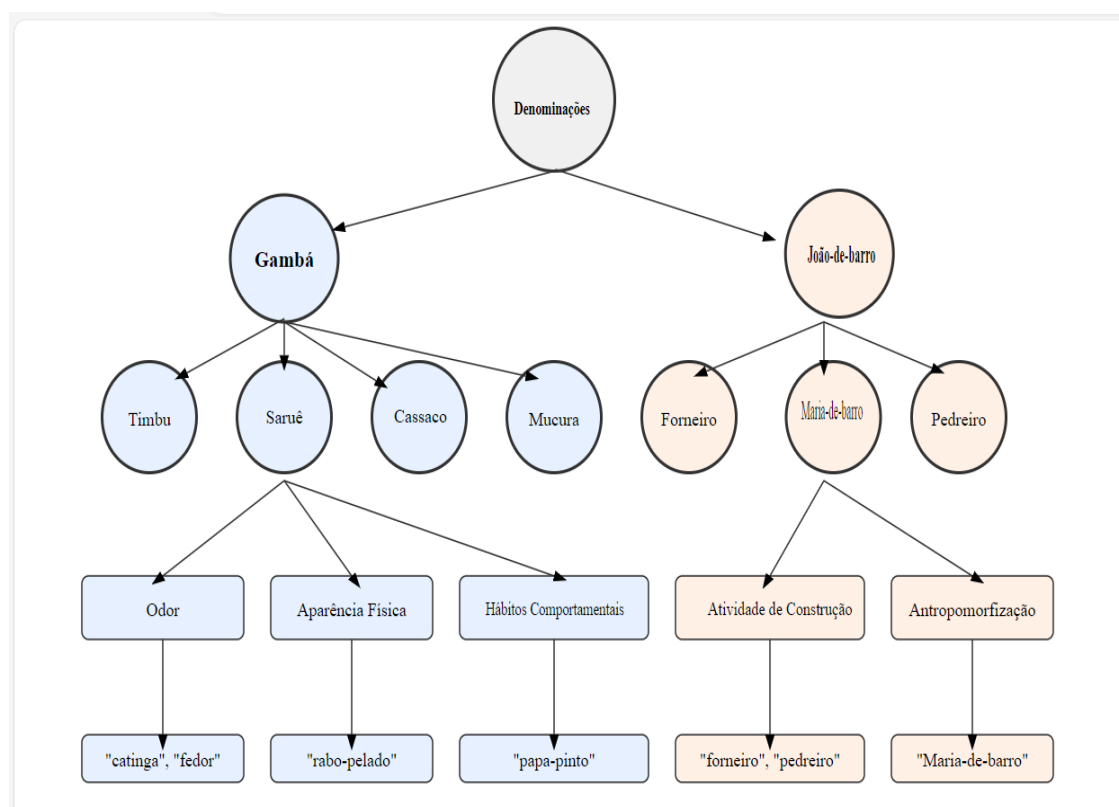
Fonte: organização do autor.

A análise estatística revelou diferenças significativas ($\chi^2 = 18.7$, $p < 0.001$) na distribuição das variantes lexicais entre as duas regiões, indicando uma forte

influência geográfica na escolha das denominações. Notavelmente, termos como "cassaco" para *gambá* foram exclusivos de Pernambuco, enquanto "mucura" foi encontrado apenas no Mato Grosso, sugerindo uma possível influência de línguas indígenas locais na formação do léxico regional.

A aplicação da análise componencial às denominações revelou padrões de categorização cognitiva. Para o *gambá*, os componentes semânticos mais salientes foram relacionados ao odor (e.g., "catinga", "fedor"), à aparência física (e.g., "rabo-pelado") e a hábitos comportamentais (e.g., "papa-pinto"). Já para o *joão-de-barro*, os componentes predominantes foram associados à atividade de construção (e.g., "fornheiro", "pedreiro") e à antropomorfização (e.g., "Maria-de-barro"). O esquema disposto na figura 1 apresenta uma representação visual destes componentes semânticos.

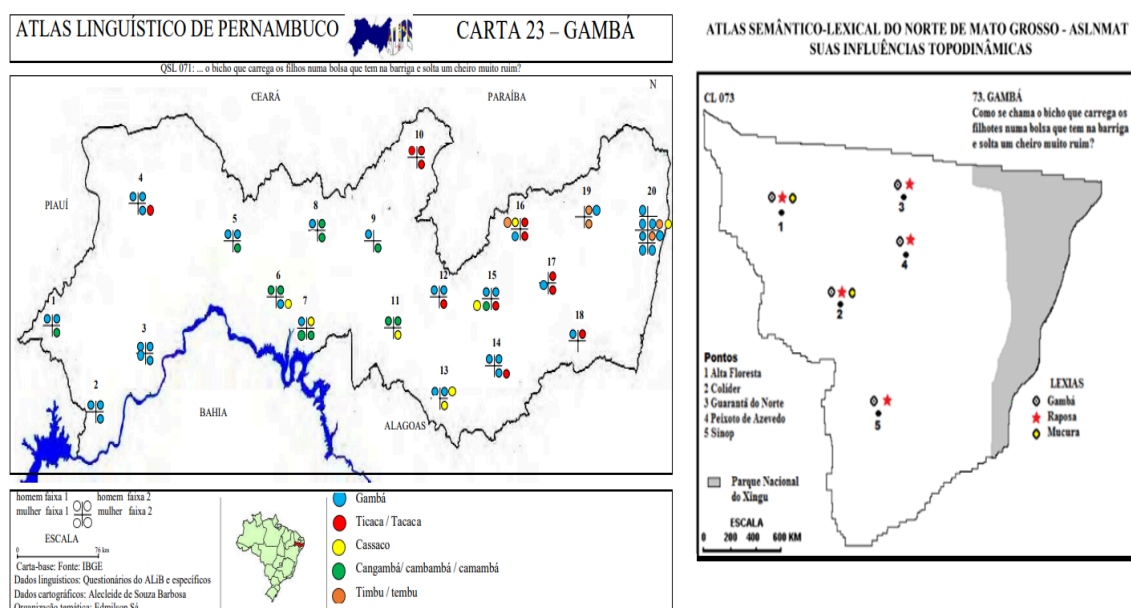
Figura 1: Componentes Semânticos das Denominações



Fonte: organização do autor.

A análise geoespacial das variantes lexicais revelou padrões de distribuição que corroboram a hipótese de uma influência significativa de fatores ecológicos e culturais na formação do léxico regional. Observou-se, por exemplo, uma maior diversidade de denominações para gambá em áreas de transição ecológica entre o agreste e o sertão em Pernambuco, sugerindo uma possível correlação entre a diversidade lexical e a biodiversidade local.

Figura 2: Cartas das denominações para gambá em Pernambuco e Mato Grosso

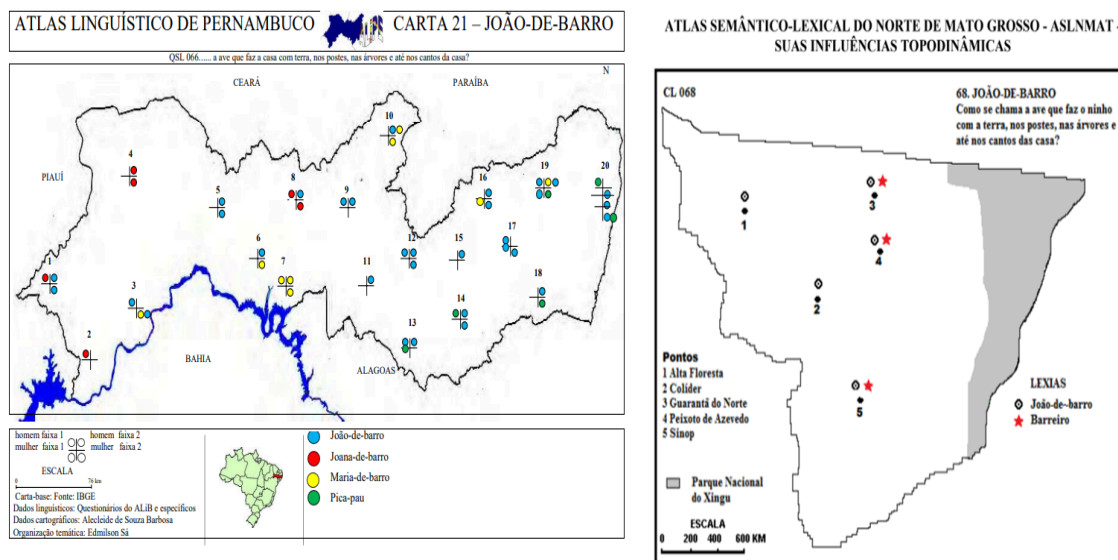


Fonte: Sá (2013); Azevedo (2015)

A análise qualitativa das narrativas e comentários associados às denominações revelou aspectos relevantes da relação entre as comunidades e a fauna local. Para o *gambá*, muitas das denominações estavam associadas a narrativas folclóricas e crenças populares sobre o animal, frequentemente com conotações negativas relacionadas ao seu odor característico. Por exemplo, um informante de Pernambuco relatou: "Chamamos de cassaco porque dizem que ele traz má sorte, é um bicho fedorento que ninguém quer por perto" (Informante PE-03, 67 anos).

Por outro lado, as denominações para *joão-de-barro* (figura 3) frequentemente evocavam admiração pela habilidade construtiva do pássaro, muitas vezes associada a narrativas que antropomorfizam o animal.

Figura 3: Cartas das denominações para joão-de-barro em Pernambuco e Mato Grosso



Fonte: Sá (2013); Azevedo (2015)

Um informante do Mato Grosso comentou: "A gente chama de Maria-de-barro porque é a fêmea que constrói o ninho, igualzinho uma dona-de-casa cuidando da sua moradia" (Informante MT-07, 52 anos). Essas narrativas fornecem contribuições sobre os processos cognitivos e culturais que subjazem à formação das taxonomias populares.

A análise comparativa entre as duas regiões estudadas revelou tanto convergências quanto divergências significativas nos sistemas de classificação popular. Enquanto algumas denominações, como "joão-de-barro", mostraram uma notável estabilidade em ambas as regiões, outras, como as variantes para *gambá*, apresentaram uma distribuição mais heterogênea. Essa variação pode ser atribuída a fatores históricos, como padrões de migração e contato linguístico, bem como a diferenças nas práticas culturais e nas relações ecológicas específicas de cada região.

Um achado particularmente significativo foi a identificação de processos de extensão semântica e metáfora na formação de algumas denominações. Por exemplo, o uso de "pica-pau" e "pardal" para se referir ao beija-flor em algumas localidades sugere um processo de categorização baseado em características comportamentais ou morfológicas compartilhadas entre diferentes espécies de aves. Este fenômeno corrobora as teorias de Berlin (1992) sobre os princípios universais de categorização etnobiológica.

A análise das motivações semânticas para as denominações revelou uma complexa interação entre fatores perceptuais, culturais e ecológicos. Para o *gambá*, por exemplo, observou-se uma predominância de denominações baseadas em características sensoriais (principalmente olfativas) e comportamentais, enquanto para o *joão-de-barro*, as denominações frequentemente refletiam observações sobre seu comportamento de nidificação.

A distinção sugere, ainda, que diferentes aspectos da biologia e ecologia dos animais são salientes na percepção e categorização popular em cada caso.

Por fim, a triangulação dos dados linguísticos com informações etnográficas e ecológicas permitiu uma compreensão mais holística dos sistemas de classificação popular da fauna nas regiões estudadas. Observou-se, por exemplo, que localidades com maior preservação de práticas tradicionais de manejo ambiental tendiam a apresentar uma maior diversidade lexical e uma categorização mais refinada da fauna local, corroborando as teorias sobre a relação entre diversidade biocultural e conhecimento ecológico tradicional (Maffi, 2001).

Considerações finais

Este estudo etnobiolinguístico sobre as denominações populares do *gambá* e do *joão-de-barro* nas regiões norte de Pernambuco e norte do Mato Grosso revelou um panorama valioso e complexo da interface entre língua, cultura e biodiversidade no contexto brasileiro. Os resultados obtidos corroboram a premissa fundamental da etnobiolinguística de que as taxonomias populares não são meros sistemas de rotulagem, mas refletem estruturas cognitivas e culturais profundamente enraizadas nas comunidades estudadas.

A análise comparativa das variantes lexicais entre as duas regiões evidenciou tanto convergências quanto divergências significativas nos sistemas de classificação popular. A estabilidade de algumas denominações, como "joão-de-barro", contrasta com a heterogeneidade observada nas variantes para gambá, sugerindo diferentes graus de influência de fatores históricos, culturais e ecológicos na formação do léxico regional.

Um dos achados mais relevantes deste estudo foi a identificação de padrões distintos de motivação semântica para as denominações dos dois animais focalizados. Enquanto as denominações para *gambá* frequentemente se baseavam em características sensoriais e comportamentais, aquelas para *joão-de-barro* tendiam a refletir observações sobre seu comportamento de nidificação.

A distinção assegurou os processos cognitivos subjacentes à categorização etnobiológica, corroborando as teorias de Berlin (1992) sobre os princípios universais de classificação da natureza.

A análise geoespacial das variantes lexicais revelou uma correlação pertinente entre a diversidade linguística e a biodiversidade local, particularmente evidente nas áreas de transição ecológica. Esse achado ressoa com as teorias contemporâneas sobre a relação entre diversidade biocultural e conhecimento ecológico tradicional (Maffi, 2001), sublinhando a importância da preservação da diversidade linguística para a manutenção do conhecimento sobre a biodiversidade.

Os processos de extensão semântica e metáfora identificados na formação de algumas denominações, como o uso de "pica-pau" e "pardal" para se referir ao beija-flor, ilustram a criatividade e a flexibilidade dos sistemas de classificação popular. Tais fenômenos linguísticos ofereceram percepções sobre os mecanismos cognitivos de categorização e analogia empregados pelas comunidades na compreensão e descrição do mundo natural.

A análise qualitativa das narrativas associadas às denominações revelou um rico substrato de crenças, práticas culturais e conhecimentos ecológicos tradicionais. As conotações frequentemente negativas associadas ao gambá contrastam com a admiração expressa pelas habilidades construtivas do joão-de-barro, ilustrando como as percepções culturais dos animais se refletem no léxico e nas narrativas populares.

É importante, portanto, reconhecer as limitações deste estudo e apontar direções para pesquisas futuras. A restrição geográfica a duas regiões específicas limita a generalização dos resultados para o contexto brasileiro mais amplo. Estudos futuros poderiam expandir a área geográfica de análise, incluindo outras regiões do país para uma compreensão mais abrangente da diversidade etnobiolinguística brasileira. Além disso, a inclusão de outras espécies da fauna e flora locais poderia revelar padrões adicionais de categorização e nomenclatura.

Assim, este estudo etnobiolinguístico sobre as denominações populares do gambá e do João-de-Barro nas regiões norte de Pernambuco e norte do Mato Grosso não apenas enriquece nossa compreensão da diversidade linguística e cultural brasileira, mas também ilustra a importância da interface entre língua, cultura e biodiversidade. Os resultados obtidos reafirmam a relevância da etnobiolinguística como um campo de estudo vital para a compreensão e preservação do patrimônio biocultural brasileiro.

Referências

- ATRAN, S. *Cognitive foundations of natural history: Towards an anthropology of science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- AZEVEDO, P. R. *Atlas Linguístico do Norte do Mato Grosso (ALiMAT)*. Dissertação de Mestrado (Letras) Colíder: Universidade do Estado de Mato Grosso, 2015.
- BERLIN, B. *Ethnobiological classification: Principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton University Press, 1992.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CONKLIN, H. C. Lexicographical treatment of folk taxonomies. *International Journal of American Linguistics*, v. 28, n. 2, p. 119-141, 1962.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- DENZIN, N. K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. New York, Aldine, 1970.
- ELLEN, R. *The categorical impulse: essays in the anthropology of classifying behaviour*. New York: Berghahn Books, 2006.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Aldine, 1967.

HUNN, E. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist*, v. 84, n. 4, p. 830-847, 1982.

IBM Corp. *Released IBM SPSS Statistics for Windows*. Version 29.0.2.0 Armonk, NY: IBM Corp, 2023.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, M. E.; ZUCCARELLO, D. A. (orgs.). *Estudos do léxico e de processos de organização do conhecimento* (pp. 11-25). Maringá: EDUEM, 2001.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press, 1972.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford University Press, 1987.

MAFFI, L. (ed.). *On biocultural diversity: Linking language, knowledge, and the environment*. Smithsonian Institution Press, 2001.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (org.). *Suma etnológica brasileira*. v. 1. São Paulo: Vozes/FINEP, 1986, p. 15-25.

RIBEIRO, B. G. (org.). *Suma etnológica brasileira*. São Paulo: Vozes/FINEP, 1986.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD B. B. (eds.). *Cognition and categorization*. Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

SÁ, E. J. de. *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)*. Tese (Doutorado em Letras) João Pessoa. Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

Recebido em: 17/10/2024

Aceito em: 25/03/2025